

ENSINO DE HISTÓRIA E SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DO SUJEITO LEITOR

Leandro Augusto Neves Lins¹

RESUMO

O presente trabalho objetiva discutir o papel do componente curricular de História na formação de sujeitos leitores. Essa pesquisa vem dando seus primeiros passos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-crítica) da Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Campus II – Alagoinhas). A intencionalidade do estudo é analisar e refletir como as práticas docentes dos professores de História vem acontecendo e como elas tem buscado contribuir na formação do sujeito leitor em sala de aula e fora dela também. Não obstante, o presente trabalho poderá oportunizar repensar o papel ocupado por todas as disciplinas e profissionais de diferentes áreas na construção de ações e experiências de práticas leitoras. Ademais, compreende-se que as práticas de leitura na sala de aula são de extrema importância para a formação das subjetividades e identidades dos leitores, concebendo assim, a noção realista de uma educação libertadora. A pesquisa adota uma abordagem metodológica predominantemente quantitativa, utilizando questionários para mapear as percepções dos alunos sobre leitura, enquanto as respostas discursivas complementam qualitativamente os dados estatísticos. Como espaço de pesquisa, buscar-se-á analisar como as práticas de leitura tendo como foco turmas da Educação Básica. Como aportes teóricos, são explorados os estudos de Paulo Freire, Magda Soares, Ângela Kleiman, bell hooks, Maria de Fatima Berenice da Cruz e Carlos Magno no que tange as discussões pertinentes a esta pesquisa.

Palavras-chave: Leitura, Formação de leitores, Docência, Ensino de História.

INTRODUÇÃO

Hodiernamente, o ensino de História se encontra em intensa discussão no que tange à importância do componente para combater os discursos fascistas, que se intensificam a partir de um emaranhado de notícias falsas as quais atingem, paulatinamente, diferentes públicos da nossa sociedade. É nesse sentido, com a intenção de transformar a disciplina enquanto potente ferramenta para problematizar falsas narrativas, que a leitura emerge como importante aliada para ofertar aos estudantes um "novo olhar" sobre o mundo do qual fazem parte.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), Linha de Pesquisa 2: Letramento, Identidades e Formação de Educadores, orientado por Dra. Maria de Fátima Berenice da Cruz. Endereço eletrônico: professorlinshumanas@gmail.com



Usualmente, a disciplina em questão foi delimitada por muitos anos como momento de decorar datas, gravar nomes de personagens, fazer esquemas ou resumos a partir dos livros didáticos. Contudo, os últimos anos têm colocado em discussão as novas metodologias e práticas que podem ser fecundas para alimentar outros olhares sobre a História. Deste modo, o presente estudo, em estágio embrionário, nasceu de alguns importantes questionamentos, entre os quais podemos destacar: o ensino de História deve ter como fundamentos situações práticas de leituras? A História deve limitar-se apenas às leituras e decodificações das fontes históricas? Quais outros tipos de leitura podemos promover nas aulas de História?

Partindo, em especial, do último questionamento, entendemos que as práticas de leitura na sala de aula são de extrema importância para a formação das subjetividades, das identidades dos leitores e como campo fecundo para constituição de uma educação emancipadora, tal qual pensada por Paulo Freire. É nesse sentido que defendo a necessidade de promover uma saída do que chamo de “*Ilhas Pedagógicas*”, local em que muitos de nós, educadores, estamos imersos. É nesse sentido que, enquanto professor, entendo a importância de práticas leitoras como ferramentas emancipadoras para educandos e educadores.

Deste modo, o trabalho investiga o papel da disciplina de História na formação de leitores na Educação Básica brasileira. As inquietações têm origem nas discussões do componente "Políticas de Subjetividade", do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da UNEB, Campus II, em Alagoinhas, o qual foi ministrado pela professora Dra. Maria de Fátima Berenice da Cruz. Além dos embasamentos teóricos que discutem a importância da leitura, a motivação surge da experiência do pesquisador como educador na Educação Básica, local que o instiga a repensar suas práticas e a buscar novos horizontes pedagógicos.

Dessa forma, considerando que o ensino de História pautado em práticas de leitura contribui para a formação de cidadãos conscientes, este trabalho tem como objetivos fundamentais: discutir a importância da leitura para o letramento histórico e social; compreender como têm ocorrido as práticas docentes relativas à leitura em sala de aula; e refletir sobre o papel da leitura nas aulas de História como ferramenta de emancipação dos sujeitos.

Dito isto, com base nos estudos fundamentais de Paulo Freire (1989) sobre leitura e educação — aprofundados pelas reflexões de Maria de Fátima Berenice da Cruz (2012) e Carlos Magno (2011) acerca da formação de leitores no ambiente educacional —, este trabalho busca também delinear uma



Dessa forma, o presente trabalho se origina nas práticas docentes deste educador durante o ano letivo de 2025, em um colégio da rede particular da cidade de Alagoinhas, Bahia. A partir da análise dos dados coletados, é possível examinar de forma abrangente como os educandos têm pensado as práticas de leitura em sala de aula, inclusive direcionando nosso olhar para a escolha das temáticas de textos levadas para a sala de aula, ao mesmo tempo em que podemos refletir de qual maneira podemos deslocar o olhar para repensarmos como outras disciplinas escolares podem ou devem ofertar situações práticas nas quais a leitura faça sentido e se faça sentir por parte dos educandos, e não apenas dos educadores.

A metodologia adotada consiste em uma pesquisa com abordagem quantitativa, na qual se articulam procedimentos quantitativos e qualitativos para a coleta e análise de dados. A escolha metodológica busca "descrever" ou "mapear" como os educandos enxergam a questão da leitura dentro da sala de aula. Salienta-se que o estudo é predominantemente quantitativo, utilizando as respostas discursivas para complementar, ilustrar e aprofundar os dados estatísticos.

O instrumento utilizado foi um questionário online, elaborado na plataforma Google Forms, contendo questões fechadas (objetivas e de múltipla escolha) para a obtenção de dados quantitativos, e questões abertas (discursivas), que permitiram a captação de nuances e percepções qualitativas dos respondentes. Sem a intenção principal de explicar suas causas profundas ou testar uma relação causal rigidamente, a pesquisa buscou coletar dados para investigar situações práticas leitoras e opiniões de um grupo de quarenta alunos pertencentes a três turmas do 8º Ano do Ensino Fundamental – Séries Finais.

O formulário foi disponibilizado, e os educandos puderam responder dentro do prazo de uma semana, mas sem nenhum tipo de cobrança extra ou bonificação por terem preenchido a ficha elaborada. Tratou-se de quatorze questões, em sua maioria objetivas (09) e algumas com a possibilidade de assinalar mais de uma opção. Entre as questões discursivas, foi adicionada uma questão que teve a intenção de abranger o olhar dos educandos a respeito da ficha de pesquisa.



REFERENCIAL TEÓRICO

Sabe-se que, para dar enfoque a uma pesquisa sobre a temática de práticas de leitura em sala, faz-se necessário trilhar reflexões já feitas a respeito do conceito de letramento. Conforme defende Magda Soares, letramento seria o "desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais" (SOARES, 2004). Dessa forma, a autora enfatiza a concepção de que o letramento seria um processo mais amplo, o qual envolve elementos diversos, diferenciando-se, inclusive, do processo de alfabetização.

Nesse cerne, as autoras Kleiman e Moraes (2002) defendem a adoção de metodologias interdisciplinares, as quais levem educadores e educandos a saírem de suas "ilhas", elaborando programas de ensino capazes de construir uma "rede de significados/conhecimentos", processo pelo qual seria possível tecer saberes que potencializam a leitura na sala de aula. Ademais, pensando o conceito de leitura atrelada ao de interdisciplinaridade, conforme Zabala, faz-se "necessária uma cooperação interdisciplinar em numerosos âmbitos de investigação relativos ao meio e aos recursos naturais, a guerra e a paz, aos problemas das comunidades, ao urbanismo, ao tempo livre e às atividades culturais" (ZABALA, 2002, p. 26).

Nesta perspectiva, as aulas de História devem cumprir o papel de proporcionar práticas leitoras em sala. Conforme evidencia Barca (2006), o "ler" estaria relacionado diretamente com a leitura dos códigos, da vida e das suas relações constitutivas com o conhecimento construído pelo sujeito. Sendo assim, o papel do professor da disciplina em questão se faz tão importante quanto o de todos os outros da Educação Básica, desmistificando também a concepção de que as aulas de Língua Portuguesa devem ser as únicas responsáveis por ofertar situações para o desenvolvimento dos educandos.

Um ponto importante de intersecção entre leitura e ensino de História vem do conceito de leitura cursiva, trazido por Rouxel (2012). Nele, a autora apresenta a noção da leitura cursiva como um novo viés na construção do leitor. Aqui, o sujeito que lê não aparece como um objeto ingênuo, mas marcado por vivências e um olhar sobre o mundo. Destarte, faz-se necessário entender a leitura como experiência humana, justamente o que versa a História e a proposta de conhecimento histórico plural, que, no pensamento de Rocha (2020, p. 283), "será construído de forma articulada, de acordo com os elementos significativos de uma jornada não linear através das culturas históricas envolventes, constituindo sua formação histórica".



Embora as disciplinas guardem suas particularidades no que se refere ao desenvolvimento de competências que se espera dos alunos, não podemos negar que o letramento é elemento fundamental para o aprendizado. Jörn Rüsen (2010, p. 48) afirma que o aprendizado histórico deve se atentar não apenas "aos aspectos cognitivos, mas nele também devem ser sistematicamente considerados os componentes estéticos e políticos da consciência da história e da cultura histórica enquanto pré-requisitos, condições e determinações essenciais dos objetivos do aprendizado histórico".

A leitura constitui um elemento fundamental para dotar os alunos de instrumentos essenciais em sua jornada de aprendizado histórico. Como destaca Magno (2011, p. 10), é necessário desenvolver "uma prática interdisciplinar de leitura em que a interculturalidade não pode ficar de lado das interpretações contemporâneas". Nesse sentido, a leitura literária pode assumir um caráter social ao explorar, de forma politizada, elementos estéticos e culturais.

Para que tal objetivo se concretize, conforme defende Cruz (2023), é crucial que os educadores abandonem o planejamento isolado e adotem uma prática colaborativa, partindo "do levantamento de problemas e da consequente reflexão". Essa mudança metodológica é essencial para transformar o ambiente escolar em um espaço leitor, onde a leitura seja compreendida como um ato político, e não como mera reprodução de padrões estabelecidos.

Além disso, seguindo a perspectiva de bell hooks (2019), é imperativo decolonizar o ambiente escolar em suas múltiplas dimensões — não apenas em suas estruturas e currículos, mas também na atuação dos educadores. Estes devem incorporar "práticas de ensino que honram a diversidade, resistindo assim à tendência convencional de manter os valores do dominador na educação". Ao conceber novas práticas de leitura em uma perspectiva interdisciplinar, torna-se possível, portanto, promover mudanças significativas no desenvolvimento e na valorização das competências leitoras dos estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

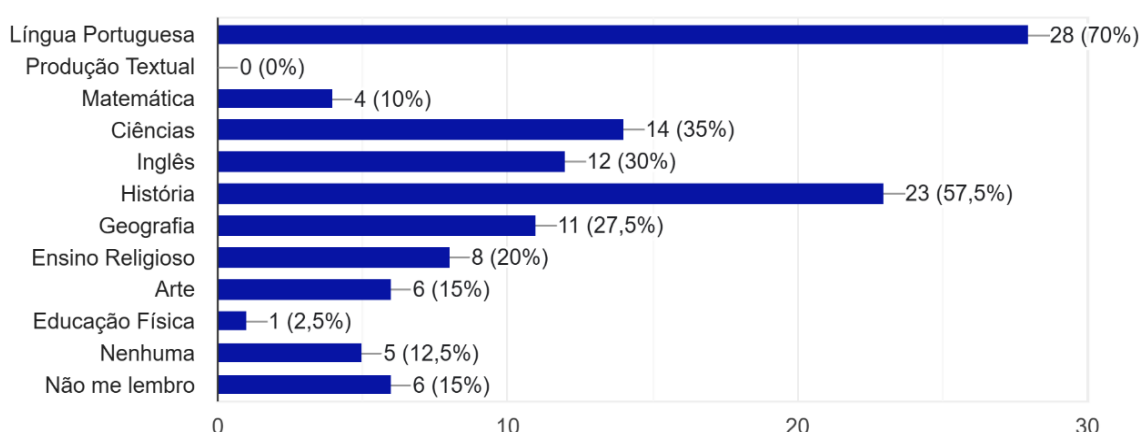
Diante do exposto anteriormente, no qual buscamos entrelaçar a metodologia utilizada e o referencial teórico para pensar a problemática de pesquisa, podemos inferir, a partir da análise dos dados coletados, algumas questões que ficarão em aberto para o desenrolar dessa pesquisa. Tomamos como objeto de análise e discussão alguns pontos pertinentes e desenvolvemos uma linha de interpretação em consonância com o referencial teórico já exposto.



A pesquisa realizada permitiu constatar que, entre os alunos pesquisados, cerca de 70% afirmaram que a disciplina em que mais fazem leitura de textos, para além do livro didático, é Língua Portuguesa (também contemplando aqui o componente de Produção Textual). Não curiosamente, em segundo lugar está a disciplina de História, com 57,5%. Essa afirmação, posta em números, sustenta-se na ideia deste pesquisador e da pesquisa que vem sendo desenvolvida, pois entende que, além dos textos históricos (fontes históricas escritas), a sala de aula deve ser palco do protagonismo discente, com a possibilidade de discutir temas diversos e que sejam do interesse dos alunos.

Durante as aulas, em quais disciplinas você faz leitura de textos que não sejam do livro didático/módulo?

40 respostas



Por entender que a sala de aula é espaço do pensar e que a leitura funciona enquanto ação pela qual o sujeito se move não apenas nas páginas, mas também na sociedade, foi questionado aos educandos da pesquisa quais temas eles teriam interesse de discutir nas disciplinas escolares que cursam para a série em questão. Embora as informações apresentem uma pluralidade de interesses, cabe ao pesquisador e professor realizar um filtro de caminhos possíveis. A Tabela 1 é resultado do seguinte questionamento, sendo selecionada apenas uma parte das respostas, por considerar os limites do texto.

Tabela 1	
Sobre quais temas você gostaria de ler textos e discutir em sala de aula?	
Aluno (a) 1	Acho importante trazer temas atuais, porém sempre trazendo um pouco do passado. Na minha visão esse tipo de didática ajuda a aumentar a percepção das pessoas, e expandir seu senso crítico.



Aluno (a) 2	Gostaria de discutir mais sobre riscos que crianças e adolescentes correm na internet e na vida real.
Aluno (a) 3	Temas importantes! Principalmente capacitismo, coisa que não vejo ser discutido durante as aulas. Também gostaria de ver mais temas de filosofia e as vezes, gostos dos alunos que podem acabar misturando com certos assuntos. Ex: anos 60. Numa aula de arte, pode ser falado sobre música e a importância dela, logo em seguida podíamos comentar sobre Os Beatles, que foram revolucionários na música ou nossos gostos musicais.
Aluno (a) 4	Sobre profissão pra o futuro, como lidar a ansiedade e esporte.
Aluno (a) 5	Gostaria de ler textos e discutir em sala de aula sobre temas que tenham a ver com a nossa vida hoje, a atualidade, ou até mesmo livros mais antigos, como <i>Os Miseráveis</i> , que dá pra ligar com assuntos atuais.

Considero essa pergunta instigante, pois podemos identificar a diversidade de interesses que permeiam a sala de aula. Longe de entender essa diversidade como um problema - pois muitos podem argumentar que seria impossível atender ao anseio de todos -, considero o resultado como um sintoma da necessidade de ouvir os alunos em relação aos interesses e também como guia para que possamos alinhar nossas práticas e escolhas, por exemplo, dos livros paradidáticos. Ademais, a resposta do aluno (a) 5 nos interessa bastante e serve de fundamento para pensar a questão das "*Ilhas Pedagógicas*".

A inquietação do aluno (a) 5 nasce de uma experiência leitora que ultrapassou as ilhas dos componentes curriculares. Durante as aulas do ano, os alunos foram instigados/incentivados a respeito da leitura do livro *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, o paradidático do IIº Trimestre para a turma. Durante a unidade, o professor possibilitou discussões a partir de temas históricos e também o contato dos alunos com textos sobre temas variados, inclusive com temas ligados às discussões do livro, tais como desigualdade, trabalho infantil, a questão da mulher, religiosidade, entre outros.

A escolha dos textos considerou a dimensão da discussão, mas não apenas isso: considerou as particularidades da disciplina, como, por exemplo, o tempo de aula para a disciplina (três aulas semanais). Além disso, outro ponto ajustado foi o tamanho dos textos, os quais não ultrapassavam mais de duas páginas. Essa opção não por considerar que os alunos não leem, mas levando em conta a possibilidade de que eles pudessem ler o texto em sala e expor suas considerações, dialogando com o texto e demais, pois, conforme afirma Cruz (2012, p. 15), "o leitor é uma entidade simétrica que



vai, junto com o fazer literário, tecendo as suas crenças, suas expectativas, suas previsões, movendo o texto de modo a construí-lo".

Destarte as questões levantadas acima, outras reflexões seriam possíveis, que, diante do modelo de texto, não nos permitem ser exploradas aqui. Contudo, considero que o exposto até aqui sinaliza uma necessidade de ajuste urgente. Necessitamos pensar de maneira interdisciplinar as situações/práticas de leitura, dialogando com os projetos de leitura das escolas, mas tornando o ato de ler um movimento coletivo e não de isolamento do leitor. É necessário reverberar as falas e interpretações dos diferentes sujeitos partícipes do cenário escolar; nesse caminho, o texto/livro terá sentido, perderá a poeira e ganhará novas cores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acesso a textos e livros é fundamental para a formação de sujeitos críticos em nossa sociedade. Nesse sentido, espera-se que esta pesquisa contribua significativamente para compreender como as práticas de leitura se inserem nas diversas disciplinas da Educação Básica, tendo como foco específico o componente curricular de História. Acredita-se que, por meio de textos e de atividades de leitura que promovam condições efetivas de aprendizado, seja possível alcançar a emancipação intelectual dos estudantes.

Compreender o papel das práticas de leitura em sala de aula na constituição das subjetividades e identidades do leitor histórico permite repensar o lugar ocupado por todas as disciplinas escolares e por seus docentes, com especial atenção à disciplina de História. Dessa forma, entende-se que a formação de leitores deve ser um compromisso coletivo no ambiente escolar, configurando-se como uma ferramenta potente para a constituição de leitores críticos e historicamente conscientes.

A escola deve consolidar-se como um espaço de pluralidade do pensar. A leitura, nesse contexto, surge como um caminho essencial para descortinar as múltiplas temporalidades e vozes que coexistem, resistindo à ideia de uma única verdade. Formar, portanto, o cidadão do nosso tempo, capaz de pensar seu lugar no mundo por meio da leitura, coloca nós, educadores, em cena não como protagonistas, mas como mediadores privilegiados na construção de uma revolução social através do ler.



REFERÊNCIAS

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. **Leitura Literária na Escola: desafios e perspectivas de um leitor**. Salvador: EDUNEB, 2012.

CRUZ, Maria de Fatima Berenice da. O exercício da leitura subjetiva como ato político. In: **Revista Pontos de Interrogação**. V. 13. N.2, p. 17-39. Jul-dez, 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2011.

GOMES, Carlos Magno O lugar do leitor cultural. **Pontos de Interrogação – Revista de Crítica Cultural**, Alagoinhas-BA: Laboratório de Edição Fábrica de Letras - UNEB, v. 1, n. 1, p. 8–23, 2011.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KLEIMAN, A.B.; MORAES, S.E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

ROCHA, Helenice Aparecida Bastos. Letramento (s) histórico (s): Uma proposta plural para o ensino e a aprendizagem de História. **Revista Territórios e Fronteiras**, v. 13, n. 2, p. 275-301, 2020.

ROUXEL, Annie. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? **Cadernos de Pesquisa**, FCC, v.42 n.145 p.272-283 jan./abr. 2012.

RÜSEN, Jörn. Aprendizado histórico. In: **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2023.

ZABALA, Antoni. **Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar**. Artimed editora, Porto Alegre, 2002.

